

ENSINO DE BIOGEOGRAFIA E LITERATURA INFANTOJUVENIL – UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO MÉDIO COM O GÊNERO LÍRICO E IMAGENS

Rosália Caldas Sanábio de Oliveira¹
Fabiana da Conceição Pereira Tiago²
Érico Anderson de Oliveira³

RESUMO

Esta exposição externa o diálogo entre o gênero literário lírico e imagens da natureza, estampadas em dois livros infantojuvenis (Passarinhos do Brasil – poemas que voam e Árvores do Brasil – cada poema no seu galho – de Lalau e Laurabeatriz). As obras foram estudadas, interdisciplinarmente, nas disciplinas de Geografia e Biologia, refletindo e aprendendo a respeito do conteúdo comum – Biomas Brasileiros e Biodiversidade. Colocado em prática em quatro (4) turmas do 1º ano do Ensino Médio Integrado do CEFET – MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais). Assim, o cerne dessa intenção didática foi analisar o aporte da literatura infantojuvenil em sala de aula a uma aprendizagem significativa, nesse caso, unindo o gênero literário – poesia - com imagens, em dois belos textos lírico-visuais. Verificamos que os livros aplicados asseguraram uma leitura inspiradora, servindo de conexão entre a literatura e o aprofundamento arrazoado do tópico priorizado nesta proposta. Baseando-se no conceito de apropriação da leitura e da escrita pelo sujeito – letramento – como prática social, expandindo conhecimentos e competências dos discentes, em Magda Soares, Bakhtin e Vygotsky, particularmente.

Palavras-chave: Biogeografia, Literatura infantojuvenil, Gênero Lírico, Imagens, Paisagem.

INTRODUÇÃO

Os autores tem como discernimento que a literatura faz parte da vida do sujeito/cidadão, mesmo que ele não atine sobre essa circunstância no seu dia a dia. Nessa interpretação didática, através da poesia, ela exterioriza as emoções do ‘eu-lírico’ e exprime as contingências de uma determinada realidade espaço-temporal-social, numa sucessão discursiva que acontece pelo silogismo entre o escrito e aquele que lê.

¹ Professora do Depto Geociências- CEFET-MG. E-mail: rosasanabio@gmail.com

² Professora do Depto de Ciências Biológicas - CEFET-MG. E-mail: fabsmicro@gmail.com

³ Professor do Depto de Geociências- CEFET-MG. E-mail: ericoliv@cefetmg.br

Muitos discentes possuem dificuldades para se expressar e compreender uma poesia, inclusive. Desvendar o gênero lírico é essencial, interpretá-lo é realizar um letramento – “é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se [...], (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser”. (SOARES, 2003, p.44)

A literatura está inscrita na cultura, dispondo representações simbólicas do mundo que será lido mais profundamente, se o sujeito se reconhece nele, o que por sua vez, originará outras interpretações.

Essa identificação entre o sujeito e a literatura pode desenrolar-se em níveis diversificados, efetua-se, por exemplo, no contato do homem com o ambiente, “além do primeiro ciclo das práticas cotidianas”, com a sensação de um espaço “mais fluido [...], memorizado e reconhecido ao alcance da vista ou nos deslocamentos ocasionais”. Nesse sentido, “as referências visuais identificáveis até o horizonte tornam-se essenciais e ganham um valor simbólico” (CLAVAL, 2007, p.190).

O indivíduo é, portanto, uma criação social e cultural. Ainda pelas palavras de Claval (2007), há “uma geografia da natureza humana”, onde os princípios” encadeiam-se numa construção coerente, porque os elementos que os homens receberam ou imaginaram correspondem a uma certa lógica” (CLAVAL, 2007, p.99).

Para Berque (2011), a apropriação da paisagem permitiria a experiência de trocas entre consciências, evidenciando maneiras particulares de refletir e de descortinar o mundo, estabelecendo-se reciprocidades, pois é na paisagem que:

“se exprime o sentido da nossa relação com a extensão terrestre. A paisagem não é somente a superfície das coisas, é, pelo contrário, essencial à própria existência da sociedade, porque através do sentido das coisas motiva os seres humanos a habitarem em conjunto (BERQUE, 2011, p. 198).

Rougerie e Périgord (1996) sublinham que a paisagem é muito comumente o centro e o produto da interação humana, mas essa paisagem ainda tem um futuro, e eles se perguntam em que bases elas continuarão existindo diante desse processo civilizatório acelerado em que vivemos?

Marandola (2019), desenvolve quanto a conceituação da paisagem marca-matriz em Berque, sucessivamente:

Ao considerar que a paisagem é ao mesmo tempo marca e matriz, Berque explica que ela é marca (morfológica), porque exprime maneiras de fazer e maneiras de ver que lhe são anteriores. A partir das marcas podemos ler e interpretar a paisagem pela sua forma. Matriz (esquemática ou estrutural), por sua vez, porque informa maneiras

de ver e maneiras de fazer que exprimirão ulteriormente outras paisagens. São interdependentes: a marca expressa a matriz e a matriz revela o sentido da marca (MARANDOLA, 2019, p.6).

Há uma relação intrínseca entre a Terra, a biosfera e o homem. A Terra é o sustentáculo da biosfera que, ato contínuo, é o pilar da "ecúmena". Na correspondência entre estas conjunturas está o ápice estrutural da vida humana. É na paisagem, que vemos talhada a conformação como cada ser humano distingue esta associação; ela atua como moderadora entre o humano e o meio (BERQUE, 2016).

Volvey e Calberác (2014) ao discorrerem no tocante à paisagem teorizada por Berque, falam de "*Une lecture égo-géographique de La pensée paysagère d'Augustin Berque*", enfatizando o libertar desta abordagem ego-geográfica do trabalho retrospectivo de um indivíduo que retornaria à sua própria jornada.

Agora, com a articulação do sujeito e de sua identidade subjetiva a "ela"- Geografia, entendida não simplesmente como localização ou espacialização de um caminho e / ou construção intelectual, mas como um modo de fazer as coisas e como conteúdo de conhecimento e, portanto, participando da problematização mais geral da dimensão estética do saber geográfico (Volvey & Calberác, 2014).

Esse envolvimento compenetrado faz-se por vários meios, como nos livros infantojuvenis definidos para o trabalho, que aliam o gênero lírico e imagens/ilustrações às paisagens dos biomas brasileiros pela sensibilização dos discentes, que avistam as paisagens juntamente com os pássaros e as árvores desses ecossistemas.

Em harmonia com Bachelard (2008, p. 184), "Nessa percussão, a imagem poética terá uma sonoridade do ser." [...], mas, "a imagem existe antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é antes de ser uma fenomenologia do espírito, é uma fenomenologia da alma" (BACHELARD, 2008, p. 185).

Os préstimos da literatura infantojuvenil são incontáveis, para Abramovich (1997, p.16), "ser leitor é ter o caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo". Para abstrairmos a imagem poética, em concordância com Bachelard (2008, p.185), devemos "levar em conta a partida da imagem numa consciência individual — pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da trans-subjetividade da imagem".

Todavia, "O registro poético que corresponde à alma deve, pois, ficar em aberto para as nossas indagações fenomenológicas", já a sua assimilação pode ser aprofundada na

vinculação dialética com o outro, “a multiplicidade das ressonâncias sai então da unidade do ser da repercussão” (BACHELARD, 2008, p.186-187).

Não se trata aqui de ideias específicas da Biologia e/ou da Geografia, e sim, de convergências e similaridades de conteúdos, estudados transversalmente.

A apreensão da “trans-subjetividade da imagem” sobrevém com o fato de que “esse cosmos não é real”, isto posto, “O Homem e o Mundo, o homem e *seu* mundo, estão agora em seu ponto mais próximo, pois o poeta sabe indicar-nos seus momentos de maior proximidade” (BACHELARD, 2008, p.311-312). Com tal característica, o discente será capaz de fazer analogias e divisar o tangível.

Nos respaldando em Merleau-Ponty (2019, p. 19), “a percepção nos faz assistir a este milagre de uma totalidade que ultrapassa o que se acredita serem suas condições ou suas partes”. E ao compartilharmos nossas idealizações com outros, buscamos afinidades, depois, aprendemos com as diferenças. “É dentro do mundo que nos comunicamos, através daquilo que nossa vida tem de articulado” (MERLEAU-PONTY, 2019, p.22).

Os homens são seres sociáveis e se relacionam não somente entre si, mas também com o espaço (Pato & Pereira, 2015, Genebaldo, 2013). E perceber como o homem se correlata com o meio ambiente é importante para se trabalhar a educação ambiental. Ela está intimamente atrelada com o desenvolvimento desta pesquisa que busca compreender como o sujeito/discente infere no que concerne o meio ambiente e qual a sua conduta ecológica (Pato & Pereira, 2015).

Consoante com a Agenda 21, a educação ambiental é estabelecida como um ensejo de:

“[...] desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhes são associados. Uma população que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar, individual e coletivamente, na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos [...]” (Agenda 21, capítulo 36).

A educação ambiental é crucial para a sensibilização e capacitação da população sobre os problemas ambientais existentes e a evolução da conscientização ecológica. Para alcançá-la, temos que apurar técnicas e métodos que facilitem o processo de tomada de percepção/decisão sobre a seriedade e a necessidade de solucionarmos os problemas ambientais. Oportunizando ao cidadão a capacidade crítica de avaliar a ‘inevitabilidade’ e o modo de exploração dos recursos naturais frente aos padrões de produção e consumação, bem como, o estilo de vida da população (Genebaldo, 2013).

A mudança cônica da sociedade deve ocorrer numa ordem progressiva e coerente, começando com a conscientização ambiental dos jovens, derivando numa transmutação do ideário social em decorrência de uma abordagem não somente ambiental, mas também, social, ética e política (Marcatto, 2002; Genebaldo, 2013).

As problemáticas ambientais se manifestam em nível local. Sendo que na maioria das vezes os próprios cidadãos locais são os causadores e vítimas desses problemas. Portanto, é imperioso que estes cidadãos desenvolvam a habilidade de diagnosticar e solucionar os problemas ambientais circunscritos aos seus cotidianos e lugares imediatos (Marcatto, 2002).

Assimilar o elo com o meio ambiente é vital para sabermos quais os sentimentos e motivações permeiam a ligação dos cidadãos com o espaço/meio ambiente e os demais seres vivos (Costa & Colesanti, 2011), permitindo-nos propor ferramentas adequadas para a preservação das espécies e ecossistemas.

DESENVOLVIMENTO

Julgamos que ao nos esforçarmos pela aplicação de gêneros literários em nossas práxis, concebemos tanto a leitura como o letramento literário, qualificações necessárias que transitam por todas as disciplinas.

Dentro dos estudos da linguagem de Bakhtin (2011), vemos a leitura como uma prática social e crítica que deve ser reforçada no ambiente escolar, numa apreciação argumentativa e de comunicação interativa, própria da linguagem, uma vez que todos os ramos do conhecimento humano estão conectados ao uso da língua e suas manifestações. É por interlocuções e entrosamentos entre os sujeitos que ela instala seu caráter social. O aproveitamento da língua segundo Bakhtin (2011):

[...] efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua, [...]. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 2011, p. 280).

Os enunciados são titulados gêneros do discurso por Bakhtin (2011) e são infinitos, a admissão e a distinção deles para o melhoramento das atividades escolares dependerão das destinações e planejamento dessas dinâmicas por cada professor(a).

Contudo, os discentes ainda podem ir ao longe das analogias, se depreenderem dos discursos e entenderem por “mundo não apenas a soma das coisas que caem ou poderiam cair sob nossos olhos, mas também o lugar de sua compossibilidade” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.24). Com essa convicção intercorre o raciocínio e o que consideramos como verdadeiro em nossas contemplações (MERLEAU-PONTY, 2012), adiante:

O verdadeiro não é nem a coisa que vejo nem o outro homem que também vejo com meus olhos nem enfim essa unidade global do mundo sensível e, em última instância, do mundo inteligível que há pouco tentávamos descrever. O verdadeiro é o objetivo, o que logrei determinar pela medida ou, mais geralmente, pelas operações autorizadas pelas variáveis ou entidades por mim definidas a propósito de uma ordem de fatos. (MERLEAU-PONTY, 2012, p.25).

De acordo com Capra (2012, p. 231), “a interdependência - a dependência mútua de todos os processos vitais dos organismos - é a natureza de todas as relações ecológicas”. Deduzir a “interdependência ecológica significa entender relações. Isso determina as mudanças de percepção que são características do pensamento sistêmico – das partes para o todo, de objetos para relações, de conteúdo padrão”.

A aprendizagem também é um recurso sistêmico de domínio do conhecimento do mundo pelo sujeito por dentro de suas vivências em comunidade, com as mutualidades que procria com seus semelhantes e sentidos que o transformam continuamente.

Ensinar a biogeografia, interdisciplinarmente, com livros atrativos e sensíveis, pode subsidiar um olhar diferenciado pela leitura e pelos livros. Além de uma aprendizagem significativa (Ausubel, 2000), oportunizando o começo de uma elaboração pessoal do “eu ecológico” de cada discente, capaz de dividir aspirações e colocá-las em prática cotidianamente, situando-se como cidadão.

A reciprocidade evidenciada na essência dos biomas brasileiros, abstraída pelos discentes, carrega “a lição para as comunidades humanas que é óbvia. Um dos principais desacordos entre a economia e a ecologia deriva do fato de que a natureza é cíclica, enquanto nossos sistemas industriais são lineares” (CAPRA, 2012, p. 232). A natureza tornou-se mercadoria e sua destruição acelerada está adjunta ao nosso modelo civilizatório e os critérios que adotamos para mantermos nossos padrões de consumo.

Os trabalhos relativos aos biomas foram realizados em grupos, enlaçando a leitura com o ensino por investigação, compartilhamento de pesquisas e conclusões coletivas. Os livros estabelecidos trouxeram emoções e sentimentos delicados e serviram de suporte para o aprofundamento das averiguações dos biomas brasileiros pelos discentes.

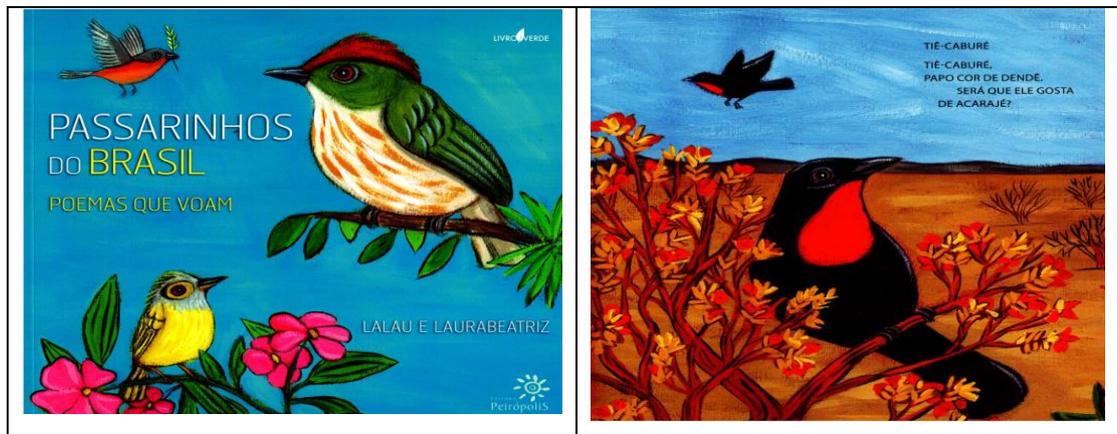
As hipóteses e os questionamentos acalorados ganharam espaço no debate ao final, evidenciando aproximações e diferenças de opiniões que com a mediação dos professores, ajudaram os discentes a chegarem a pontos comuns pelo dialogismo (Vygotsky, 1998).

Configurando-se no fechamento das dinâmicas, o que Ausubel (2000. p. 3) reputa como o resultado importante de um seguimento cognitivo e psicológico que inclui a “interação entre ideias “logicamente” (culturalmente) significativas, ideias anteriores [...] relevantes da estrutura cognitiva do aprendiz” [...] e o “mecanismo” mental do mesmo para aprender de forma significativa ou para adquirir e reter conhecimentos”.

METODOLOGIA

A metodologia, embora bem delineada, não ficou engessada, permitindo ao discente participar ativamente de todo o processo, sugerindo mudanças e outros encaminhamentos. Abaixo, descrição dos passos metodológicos:

- Delimitação dos conteúdos a serem estudados entre as duas disciplinas; pesquisas de materiais que poderiam ser utilizados para a atividade. Definido o material, foi realizada uma conversa com as turmas para a apresentação da proposta, avaliação diagnóstica;
- Organização do cronograma, formas de avaliação, divisão dos grupos;
- Disponibilização dos livros (Figuras 1, 2, 3 e 4) aos discentes, leitura prévia em casa e, posteriormente, em sala; perguntando-se: - O que é e como é “ler” um gênero lírico, e as ilustrações como um texto visual?



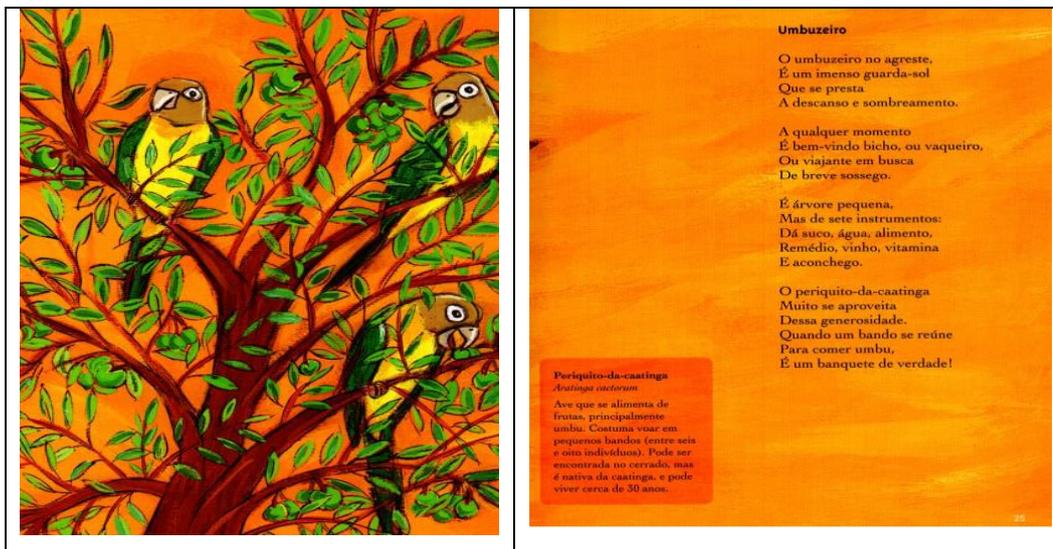
Figuras 1 e 2: Capa e folha interna do livro – Passarinhos do Brasil.

Fonte: LALAU, LAURABEATRIZ. Passarinhos do Brasil. São Paulo: Ed.. Peirópolis, 2013.

- Sensibilização em sala de aula com leitura dos livros, projeção das imagens e música ao

fundo; questionamentos quanto aos sentimentos e sensações decorrentes da execução da atividade;

- Escolha do bioma brasileiro a ser pesquisado por cada grupo; instruções básicas do portfólio a ser feito e apresentações antes do debate final;



Figuras 3 e 4: Imagens do livro – Árvores do Brasil.

Fonte: LALAU, LAURABEATRUZ Árvores do Brasil. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2017.

- Entrega dos portfólios pelos grupos, apresentações, mesa-redonda com a intermediação dos professores - aplicação dos fundamentos metodológicos da Geografia (extensão, analogia, conexidade ou interação, causalidade, atividade) e conceitos do campo ambiental – “o ambiental como identidade narrativa”, “quem é o sujeito ecológico?” “novos laços entre política e ecologia” (CARVALHO, 2001);
- Transposição argumentativa entre as paisagens mostradas nos livros - como representações e os mitos a elas coligados (“natureza domada”, “natureza intocada”, “a natureza como mediação entre o tempo vivido e a significação da ação” (CARVALHO, 2001);
- Debate - Qual o futuro dos biomas brasileiros? Conclusões e avaliação dos trabalhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto didático-pedagógico apresentado, a literatura infantojuvenil como ferramenta didática ampliou a leitura e o letramento, assentiu aos sujeitos/discentes um maior

contato com o gênero literário lírico, a absorção das imagens como textos visuais e a noção complexa e transdisciplinar dos temas abordados de Biologia e Geografia.

Consentiu até então, um salto qualitativo das imaginações e passionalidades individuais e conjuntas para a objetividade da realidade dos biomas, e conseqüentemente, a análise dos resultados das ações humanas sobre eles a partir das paisagens; indo além da observação da estética e da beleza biogeográfica dos biomas, do mesmo jeito que as suas características principais.

Os discentes, num primeiro momento, surpreenderam-se com o perfil dos livros, considerados por eles, infantis “demais”; e ainda, cogitando que as tarefas seriam ‘fáceis’ de serem executadas. Posteriormente, ficaram encantados com a beleza da poesia e das ilustrações, entendendo, perfeitamente, a finalidade do projeto e a literatura como meio enriquecedor do decurso educativo.

Avaliaram positivamente as atividades e constataram o aumento paulatino das discussões e suas multiplicidades, sentindo-se motivados para a realização das mesmas. Pouco acostumados com trabalhos interdisciplinares pela própria organização da escola, sugeriram que elaborássemos outros semelhantes no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chancelando os dizeres de Abramovich (1997), a literatura por meio de suas histórias explora um universo de sentimentos, reavivando memórias e emoções da infância, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! Com ela, conhecermos lugares, épocas, outras culturas e modos de ver e proceder enquanto sujeitos no mundo, com alegria e curiosidade.

A literatura infantojuvenil concatenada com os estudos sobre os biomas brasileiros e o gênero lírico, deu um refinamento às atividades, promovendo um ambiente de deleite à aprendizagem e um deslumbramento por sua poesia e figuras. O que impeliu o avançar detalhado das considerações, com uma comunhão de pensamentos, cada vez mais estruturados e profundos.

Aguçando, igualmente, as noções do tempo e do espaço num espírito crítico, servindo-se da leitura e da literatura como mecanismos questionadores das paisagens dos biomas, ao longe das imagens às novas territorialidades engendradas no país e as quais ambições elas convêm.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices** São Paulo: Scipione, 1997.
- AUSUBEL, D. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. 1^a ed., Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BERQUE, Augustin. A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia da paisagem. Uma antologia**. Lisboa, Portugal: Unversitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- BERQUE, Augustin. **La pensée paysagère**. Paris: Aux éditions Éoliennes, 2016.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica Dos Sistemas Vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.
- CARVALHO, Isabel C. de Moura. **A Invenção do Sujeito Ecológico: Sentidos e Trajetórias em Educação Ambiental**. Tese – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRS, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3336/000291796.pdf?sequence=1&locale=en> Acesso em 26/7/2021.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1992, Rio de Janeiro. **Agenda 21**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996.
- COSTA, Renata G. Silva; COLESANTI, Marlene M. A construção da percepção ambiental nos estudos das áreas verdes. **RA'E GA**, n° 22, p. 238-251, 2011.
- GENEBALDO, Freire Dias. **Dinâmicas e Instrumentação para Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Gaia, 2013.
- LALAU, LAURABEATRIZ. **Árvores do Brasil**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2017.
- _____. **Passarinhos do Brasil**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.
- MARANDOLA, Hugo L. Augustin Berque e a Geografia Humanista Brasileira: Aproximações Epistemológicas. **Anais XIII ENANPEGE**, São Paulo, 2019. Disponível em: http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562624409_ARQUIVO_HUGOLMARANDOLA-textocompleto.pdf Acesso em 21/7/2021.
- MARCATTO, Celso. **Educação Ambiental: Conceitos e Princípios**. FEAM, Belo Horizonte, 64 pg., 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
PATO, Claudía, PEREIRA, Danielle Abud. Valores e comportamentos ecológicos: dimensões para educação ambiental em parques urbanos. **Ambiente & educação, Revista de educação ambiental**. Vol 20, nº 2, 2015.

ROUGERIE, Gabriel, PÉRIGORD Michel. Le paysage en France. In: **Annales de Géographie**, t. 105, nº592, 1996. pp. 656-657. Disponível em:
www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1996_num_105_592_20759_t1_0656_0000_1 Acesso em 21;7/2021.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VOLVEY, Anne, CALBERÁC, Yann. **Chose obscure avant qu'on la dise - Une lecture égo-géographique de La pensée paysagère d'Augustin Berque**. Géographie et cultures, 89-90, 2014, p. 151-197. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/gc.3258> Acesso em 26/7/2021.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.